

O ENCANTAMENTO PELA DESCOBERTA DA LEITURA: UMA TURMA DE 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS NA U.E.B DOM JOSÉ MEDEIROS DELGADO

*THE INCANTATION OF DISCOVERING READING:
A 2ND YEAR CLASS OF ELEMENTARY SCHOOL EARLY YEARS AT U.E.B
DOM JOSÉ MEDEIROS DELGADO*

Dejane Figueiredo Barros 1

Resumo: O processo da aprendizagem da leitura e da escrita, geralmente, no âmbito escolar é estruturado apenas na decodificação de signos linguísticos, acabando por tornar uma ação mecanizada e sem o encantamento necessário para despertar na criança a vontade de aprender a ler. Nesse contexto, a professora e o professor desenvolvem atividades que não contemplam os saberes próprios do universo infantil. Dessa forma, acreditamos na necessidade do processo de letramento para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental esteja pautado na cultura da criança, em suas vivências e experiências. Esta pesquisa apresenta o relato de experiência realizada com alunos do 2º ano da UEB Dom José Delgado, o procedimento metodológico do tipo de pesquisa intervenção pedagógica, na escola supracitada, foi realizada uma roda de conversa com os alunos e professora da sala para apresentar a proposta da pesquisa e a solicitação para participar desta. As atividades desenvolvidas tiveram o caráter lúdico, que oportunizam situações de leitura e escrita dinâmicas e enriquecedoras, tendo em vista, que crianças sentiram-se acolhidas e incentivadas durante toda metodologia desenvolvida.

Palavras-chaves: Letramento. Aprendizagem. Ludicidade.

Abstract: The process of learning to read and write, generally, in the school environment is structured only in the decoding of linguistic signs, ending up becoming a mechanized action and without the enchantment necessary to awaken in the child the desire to learn to read. In this context, the teacher develops activities that do not include knowledge specific to children. Therefore, we believe in the need for the literacy process for students in the 2nd year of Elementary School to be based on the child's culture, experiences and experiences. This research presents an experience report carried out with 2nd year students at UEB Dom José Delgado. The methodological path process pedagogic intervention research and field research at the aforementioned school, a conversation circle was held with the students and the classroom teacher to present the research proposal and the request to participate in it. The activities developed had a playful nature, which provided dynamic and enriching reading situations, bearing in mind that students felt welcomed and encouraged throughout the methodology developed.

Keywords : Literacy. Learning. Playfulness.

1 - Docente da Rede Estadual de Ensino do estado do Maranhão Mestre em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA). Membro do GEPEID. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8181926602253036>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0707-8551> E-mail: dejane.fb@gmail.com

Introdução

Ao nascermos nos deparamos com um mundo imenso carregado de informações, de signos linguísticos que já lhes são atribuídos seus significantes e significados. Desse modo, para as crianças de 06 (seis) a 07 (sete) anos de idade, que ainda estão descobrindo que os símbolos gráficos chamados de letras vêm carregados de informações das mais diversas, para esses infantes que se encontram em sua grande parte no 2º ano do Ensino Fundamental, e que vem a cobrança da escola, família e sociedade como o todo, de que esse público já deve saber ler.

Portanto, é preciso salientar o que apontam Teberosky e Tolchinsky (2003):

A idéia de que ler e escrever são atividades inversas está muito difundida. Nela se baseiam muitos educadores que ensinam primeiro a ler, supondo que escrever surgirá como consequência. Se fossem atividades inversas seria indiferente ensinar primeiro a escrever, para logo ensinar a ler. [...] ler e escrever não são atividades inversas mas sim diferentes, que exigem que o sujeito ponha em jogo conhecimentos e recursos distintos. (TEBEROSKY; TOLCHINSKY, 2003, p. 220)

Desse modo, notamos que em grande número esse processo de aprender a ler se dá, muitas vezes, de modo apenas enquanto decodificação, deixando de lado para as crianças, o deslumbramento nesse apreender, se olvidando do universo infantil, de suas culturas de pares, de seu contexto social, geográfico, e principalmente, de sua individualidade.

A respeito dessas diversas variações, Bortoni-Ricardo (2004) nos esclarece que as mesmas podem ocorrer em três ambientes, a saber: “a família, os amigos e a escola. Podemos chamar esses ambientes, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, de *domínios sociais*.” Bortoni-Ricardo (2004, p. 23)

No tocante a esses ambientes, é gostoso observar a criança de seis a sete anos de idade desbravando na família, entre os amigos e a escola esse mundo da leitura, discernindo que tudo a sua volta tem um nome, e a mesma começa a anunciar nos quatro cantos que já sabe ler: diz para a tia, para a avó, para a mãe e pai pede que demonstrem ao mundo que já sabem ler.

Dessa forma, as mesmas leem: o nome num vidro de perfume, ler textos em almofadas de pelúcia, ler capa de livros, ler letreiros em muros e *outdoors* nas ruas, manda mensagem de áudio no *whatsapp* dizendo, pedindo para alguém escolher as palavras para ler, por conseguinte, esta criança que está descobrindo o mundo da leitura, ler e ler incansavelmente.

Porém, esta criança lê por intermédio de seu mundo que, muitas vezes, tem pouca importância aos olhos do adulto, já que, quase sempre, desvalorizam o modo de as crianças inferirem, comentar a leitura que elas fazem do mundo que lhes rodeia, dentro do que lhes é alcançável dentro de sua tenra experiência de vida.

Vale suscitar o que dizem Camargo e Garanhani (2022):

E na escola, a hierarquia cultural coloca a criança na posição de subordinação. Com isso, não queremos dizer que as crianças são passivas no processo de recriação da cultura, mas não podem desprezar os elementos culturais implícitos nas relações escolares. Ou seja, ao mesmo tempo em que incorporam os elementos

culturais da escola, cotidianos, subentendidos nas relações com os adultos e com seus pares, reinterpretam e recriam suas culturas infantis. (CAMARGO; GARANHANI, 2022, p. 103 a 104)

Sendo assim, a escola que prioriza a cultura do adulto em detrimento da cultura da

criança¹, acreditando as instituições infantis, que esses pequenos não têm iniciativa, ação própria, alimentando a ideia de que o público infantil não produz e cria e recria cultura, conseqüentemente desprezando suas *culturas de pares*², sendo esses pequenos detentores de conhecimento direcionados a apenas reproduzir a cultura da escola e dos adultos que o cercam.

Posto isto, percebemos que a leitura para as crianças de 6 (seis) a 7 (sete) anos de idade, que estão no 2º ano do Ensino Fundamental I, nesta etapa da educação, a leitura deve ser estimulada a partir de sua cultura de criança, cultura esta que deve partir do contexto familiar para a escola, não ao contrário, que é da escola para a família. Reforçando o entendimento de que a escola respeita seu modo de pensar, de sentir, de agir, sua realidade social, econômica, geográfica, isto significa, respeitamos, fundamentalmente essa criança como ser humano dentro de suas peculiaridades.

No que se refere, ao contemplarmos essas crianças de 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, como eloquentes leitoras, a presente pesquisa irá propor estratégias de leitura com esse grupo infantil, demonstrando que esses pequenos produzem leitura, e leituras diversas, que podemos arriscar em alcançar o letramento e o multiletramento, que ao mesmo tempo está refletindo a escrita, em razão de que, as mesmas irão ler partindo de suas escolhas leituras, do contexto em que estão inseridos para a escola e, conseqüentemente farão a escrita dessas palavras, divulgando suas leitura de mundo.

A respeito da intenção de pesquisa, a mesma surgiu, por admirar a evolução da leitura em meu sobrinho de sete anos que se encontra no segundo ano do Fundamental I e, me encantar da leitura do mesmo feita com entusiasmo, dedicação, lendo com ênfase tudo ao redor, que faz parte de seu contexto familiar, social. Também, enquanto integrante do Grupo de Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID-UFMA), o qual nos faz compreender várias nuances da Educação Infantil. Além do Mestrado Profissional em educação do PPGEEB/UFMA que está oportunizando este amadurecimento intelectual e profissional.

No que se refere à experiência profissional enquanto pesquisadora, apontamos o trabalho docente como professora da Rede Estadual de Ensino, onde são desenvolvidos o ensino e prática da língua Espanhola, sobressaindo práticas de leitura e escrita no ensino e aprendizado desse idioma. Assim, trazemos como problemática central de nosso trabalho de pesquisa, o seguinte: Como sedimentar o prazer pela leitura desses pequenos leitores de seis a sete anos de idade, do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da U.E.B Dom José Medeiros Delgado?

E, a partir desse questionamento central, elaboramos outras questões norteadoras:

- Quais atividades de leitura, essas crianças de 2º ano realizam na U.E.B Dom José Medeiros Delgado?
- Que estratégias de leitura utilizar com as crianças para promover o encanto pela leitura?
- A leitura de mundo das crianças é a melhor maneira de consolidar o prazer pelo ato de ler e escrever?

Dessa forma, tentaremos explicitar que as crianças de 6 (seis) a 7 (sete) anos de idade são extraordinárias leitoras, cabendo às escolas proporcionar espaços de aprendizagem que valorize suas idiossincrasias, como agentes ativos capazes de significar sua cultura de letramento. De acordo com as suposições aqui suscitadas, identificamos nesta pesquisa, que as crianças como expressivas leitoras, na medida em que se sentem acolhidas em situações de leitura, conseguem se expressar e adquirir prazer pela prática da leitura.

Consolidando a leitura e a escrita da criança mediante sua

¹ Souza e Castro (2008) citados por Buss-Simão (2014, p.42), dizem: “[...] em vez de pesquisar a criança, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente.”

leitura do mundo

*“ A leitura de mundo, antecede a leitura da palavra.”³
(Paulo Freire).*

A observação de Paulo Freire, nos estimula a esta pretensão de pesquisa, já que partimos de conjecturas que identificam as crianças de 6 (seis) a 7 (sete) anos de idade como fascinantes leitoras porquanto como bem salienta Paulo Freire, a leitura se dar primeiramente na interpretação do que está a nossa volta de maneira singular, única.

Em se tratando de Leitura, vale sublinhar o que apresenta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em Brasil (2018):

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2018, p. 72)

Nessa circunstância, necessitamos criar possibilidades várias com intuito de que esse público infantil execute a leitura⁴ em uma concepção mais vasta, a começar com aqueles gêneros que fazem parte de seu convívio social, familiar e cultural.

Não obstante, devemos também nos interessar quando essas crianças fazem a leitura a partir de paradidáticos que naturalmente lhes interessam, a escolha dos diversos gêneros, ao assistir o jornal televisivo com o adulto, a propaganda de tv, vídeos no *youtube*⁵, ao acessar fazer a leitura dos símbolos⁶ convencionados pela sociedade, exemplificando, de ícones constantes num controle remoto, isto é, ao acessar o seu mundo cheio, atualmente, de uso das tecnologias da informação e comunicação.

Para ilustrar o pensamento acima, temos da autora Ruth Rocha (2011), o livro “Marcelo, Marmelo, Martelo - E Outras Histórias”, o seguinte fragmento:

Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E Bala? Eu acho que as coisas deviam ter o nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim (ROCHA, 2023).

Durante a interpretação da criança ao perceber o mundo, surgem diversos questionamentos, diante da presente investigação que é o estonteante universo da leitura que vai muito além da codificação dos símbolos gráficos, em outras palavras, das letras, desse jeito, esse pequenino ou essa pequenina, investigam incansavelmente o porquê disso ou daquilo, nos tornando mediadores essenciais nesse processo, enquanto aquele adulto que detém mais capacidade para tal do que esse aprendiz.

3

4 Geralmente as escolas têm operado com o princípio de que a leitura e a escrita devem ser ali ensinadas. A instrução tradicional de leitura se baseia no ensino de sinais ortográficos, nomes de letras, relação letra-som, e assim sucessivamente. Está focalizada habitualmente em aprender a identificar as letras, sílabas e palavras. (FERREIRO; PALÁCIO, 1987, p.21)

5 YouTube é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Fundada em 2005, a plataforma possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/informatica/youtube.htm> Acesso em: 30 de maio de 2023.

6 “[...] um símbolo depende de uma convenção (social) e não se observa nele uma relação imediatamente motivada entre significante e significado. Já o ícone apresentaria essa relação, inclusive de forma mais figurativa.” (RIBEIRO, 2018, p. 42)

À vista disso, em concordância com Coelho (1993), a nossa pesquisa trabalhará com crianças⁷ leitoras iniciantes. Contudo, é pertinente esclarecer como se desenvolve a leitura para esses pequenos.

Nesse enredo, De Pietri (2009) esclarece que:

O leitor, para elaborar hipóteses e testá-las, durante o processo de leitura de um determinado texto, faz uso dos conhecimentos prévios que possui. Esses conhecimentos podem ser classificados em *linguísticos*, *textuais* e de *mundo* (ou *enciclopédicos*). (DE PIETRI, 2009, p.18).

Dessa maneira, o conhecimentos linguísticos consideram em seus aspectos de forma que são substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, entre outras que são as classes de palavras, além de, frases, orações, sentenças mais complexas e menos complexas, vocábulos de linguagem menos formal e mais formal (adequação verbal), concordância, coesão, coerência, todas essas e outras mais propriedades da língua verbal e não verbal⁸), são usados por quaisquer falantes nativos de uma língua, independentemente de sua idade, mas que, levam em conta seu entendimento de mundo anterior à escola.

A propósito, considerando o ensino de uma língua nativa, Bagno (2007, p. 53) anuncia:

Daí a importância de delimitar com precisão o que é necessário ensinar e o que não é necessário ensinar. Muito tempo de sala de aula é desperdiçado com práticas irrelevantes de ensino de coisas que a criança já sabe e domina, como boa falante da língua, enquanto outras coisas, mais importantes e interessantes, são deixadas de lado. (BAGNO, 2007, p. 53)

Assim sendo, muitas vezes em nosso fazer pedagógico no ensino e aprendizado da Língua Portuguesa colocamos em ênfase práticas pouco significantes como por exemplo conjugar verbo, aprender as classes de palavras em detrimento da adequação verbal e da competência comunicativa, onde as diversas práticas de leitura e escrita são deixadas em momentos de ‘quando tiver tempo’.

Para tanto, sobre o uso da cultura digital e cibercultura para acessar a cultura de letramento no dias atuais, Ribeiro (2018) contribui dizendo: “Muito embora se discuta, inflamadamente, a extinção de certas tecnologias com a chegada de novas, tudo isso tem soado muito mais como debate apaixonado do que como uma constatação empírica.” (RIBEIRO, 2018, p. 16)

Logo, para se refletir esse novo espaço de leitura e escrita, notamos que no século atual, levando em consideração poder ser algo que pode durar séculos, o não muito usual ultimamente, a leitura de jornais impressos, em vista de que foram substituídos pelo jornal *online*, o livro impresso pelo hipertexto (imagens e sons), *audiobooks*, e assim por diante.

Observamos que a pesquisa em seu papel de contribuir com a evolução da ciência, da academia, já que está formulando maneiras mais significativas de alfabetizar essas crianças, e a formação docente, torna-se um impulso ao pesquisar com e para as crianças, investigando suas singularidades por meio das lentes que usam para enxergar o mundo.

Caminhos da pesquisa

O tracejar de uma pesquisa busca evidenciar sua natureza, abordagem, objetivos e procedimentos, desse modo, Pereira (2019, p. 34) esclarece nosso tipo de pesquisa:

7 “[...] ser criança é um estado de criação, de curiosidade, de investigação e de reinvenção da vida e do mundo”. (SANTOS, 2022, p.73)

8 “Todo mundo fala de um modo que tem explicações na história da língua ou na história de quem fala esta língua. E falar ‘diferente’, [...] não quer dizer falar ‘errado’. (BAGNO, 2006, p. 103)

A origem do termo intervenção vem do latim *interventu*, que significa interferência em um processo, seja ele social, político, econômico, educacional, ou psíquico, cultural, religioso, jurídico, artístico, com o objetivo de modificar certas estruturas, aprimorar processos e produtos ou ressignificar caminhos. (PEREIRA, 2019, p. 34)

Dessa forma, a nossa pesquisa é do tipo intervenção pedagógica, já que visa interferir em determinado fazer pedagógico com vistas contribuir com essa prática profissional e escolar. A ação investigativa da pesquisadora é muito relevante para que possa demonstrar esse grupo que está construindo a pesquisa, que são as crianças do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

É sabido que investigar é uma atividade desafiadora, pois necessita de leituras, tempo, olhar investigativo e, maiormente, tentar compreender o trilhar de uma pesquisa. Logo, a pesquisa vai ter como participantes a educadora de Língua Portuguesa e as crianças dessa etapa de ensino já anunciada.

Em conformidade com Pereira (2019), que nossa pesquisa é de natureza aplicada, pois, talvez gere novos aprendizados a respeito de um tema; é de abordagem qualitativa e; de objetivos exploratório; quanto aos procedimentos técnicos, tentaremos a pesquisa de campo. Sobre pesquisa qualitativa, em consonância com Bortoni-Ricardo (2008):

[...] a pesquisa qualitativa não se propõe testar essas relações de causa e consequência entre fenômenos, nem tampouco gerar leis causais que podem ter um alto grau de generalização. A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Face do exposto, nos esforçaremos a compreender como se dá o ensino de leitura às crianças do 2º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na turma desta etapa, nos momentos das aulas de Língua Portuguesa, e observar como os participantes da pesquisa percebem esse processo.

Deste modo, vamos evidenciar a parte macro de nossos pesquisa, baseados no que diz (BRASIL, 2018):

Na BNCC, a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BRASIL, 2018, p. 63)

Posto isto, sabendo que a área de linguagens é vasta, vale frisar que a Língua Portuguesa⁹ é o componente curricular desta pesquisa, mais precisamente, no tocante à linguagem em suas manifestações linguísticas, dessa maneira delimitamos a temática, o assunto de nossa pesquisa.

Dessa forma, pretendemos realizar a pesquisa na Unidade de Educação Básica Dom José Medeiros Delgado, uma escola com os anos Iniciais e finais do Ensino Fundamental, da rede pública municipal de ensino, que se encontra na zona rural de São Luís - MA, situada na Rua da Árvore, s/n, Bairro Cascavel, atende da 1º ano ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino. Os participantes da pesquisa serão em torno de 20 a 30 alunos, da turma do 2º ano e a professora

9 Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 67-68)

de Português, em um dos turnos.

Levando-se em consideração a execução das etapas a serem seguidas para validar a presente pesquisa, que almeja demonstrar às crianças como extraordinárias leitoras, com tal intuito, pretendemos:

Primeiro, apresentar os documentos que dar o caráter ético à pesquisa, como: Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo; Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido; Termos de Autorização de Uso de Imagem e Dados Digitais; Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos; Termos de Assentimento da Criança.

Segundo, realização de roda de conversa com as crianças e a professora da sala de aula, para explicar em relação ao desempenho da pesquisa e perguntar às crianças se as mesmas querem fazer parte da investigação, bem como a professora, ademais de a gestão concordar com o desenvolvimento da pesquisa nesse *locus*.

Prontamente, ao visitar o campo de pesquisa, o terceiro passo vai ser, verificar que atividades de leitura, essas crianças de 2º ano realizam na U.E.B Dom José Medeiros Delgado.

Quarto passo, sugerir estratégias de leitura que consolide a grande satisfação das crianças pela leitura.

Quinto passo, solicitar às crianças que tragam à escola leituras feitas em seus espaços familiar e social¹⁰, e em seguida escrever¹¹ essas palavras ou frases de todas as crianças, vistas em casa, num muro no caminho para a escola, nos letreiros diversos de rua, num passeio, por onde elas passam e habitam. Em seguida criando estratégias, métodos lúdicos de aprendizagem¹², como jogos, brincadeiras, e outros métodos como do mais antigo que é o ditado de palavras, a outros como por exemplo, o método *brainstorming*, a fim de que produzam suas leituras de mundo.

A respeito de possibilitar essa leitura e escrita de modo mais significativo, (BRASIL, 2018) argumenta:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/2010²⁹, 'os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo' (BRASIL, 2018, p. 59).

Assim, nos empenharemos a perfazer o sétimo passo, que é o momento de avaliar e ajustar as estratégias para atingir as proposições apresentadas nesta pesquisa.

Dentre os instrumentos utilizados para a geração de dados estão a observação participante, e principalmente, o ponto de partida de nosso trabalho, que são as leituras representadas por fotos, gravações, logo faremos uso de recursos multimídia, como: gravador de voz, fotografias e vídeos.

Nesse enredo, pretendemos diante dos dados gerados em torno da pesquisa, promover entendimento acerca dos mesmos, ademais de almejar apresentar tal conhecimento no *locus* pesquisado, além de deixar no campo cópias e registros das produções das crianças, e contribuir significativamente para a evolução do trabalho docente no Ensino Fundamental anos iniciais e da sociedade.

10

11

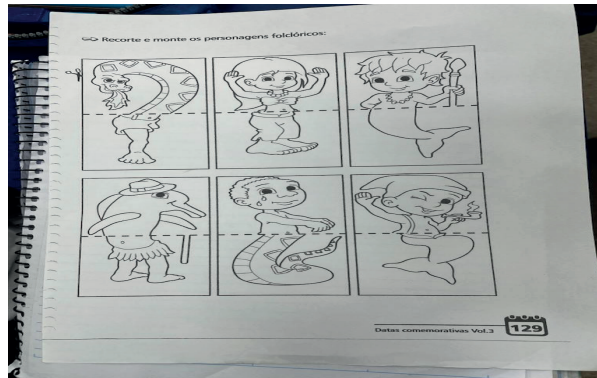
12

Estratégia de leitura para alunos do 2º ano: relato de experiência

Aos 23 dias de agosto de 2023, deu início à pesquisa de campo, era amanhã, por volta de 8h05min. Saudei professora e sua turma de segundo ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, por volta de 25 crianças.

A professora Raquel sondou duas crianças a respeito do que é folclore e, as mesmas deram retorno. A educadora solicitou que as crianças formassem grupos para desenvolver atividade sobre o folclore. A professora Raquel entrega individualmente uma folha para cada educando com imagens de personagens do folclore. A professora pergunta quem são as personagens e as crianças respondem acertadamente: sereia; lara, boitatá, curupira e outros.

Figura 1. Atividade impressa sobre folclore



Fonte: Autoria própria (2023)

Identificamos que uma criança está separada das demais no fundo da sala fazendo sua atividade sem interagir com as outras crianças.

“De acordo com a professora, a criança é autista, a mesma não interage com as demais, não socializa, sendo que agora já houve avanço, já que, antes nem sequer entrava na sala de aula e passava a manhã gritando e chorando.” (Palavras da professora) São seis grupos, um com quatro crianças e os demais com três crianças, além da criança que está sozinha.

As crianças recortam e colam as figuras folclóricas juntando adequadamente as partes, logo que as partes estão separadas.

Figura 2. Montagem das figuras do folclore no caderno do aluno



Fonte: Autoria própria (2023)

A professora caminha na sala, observa e orienta a atividade, a mesma solicita que deixem espaço para escreverem os nomes dos personagens do nosso folclore.

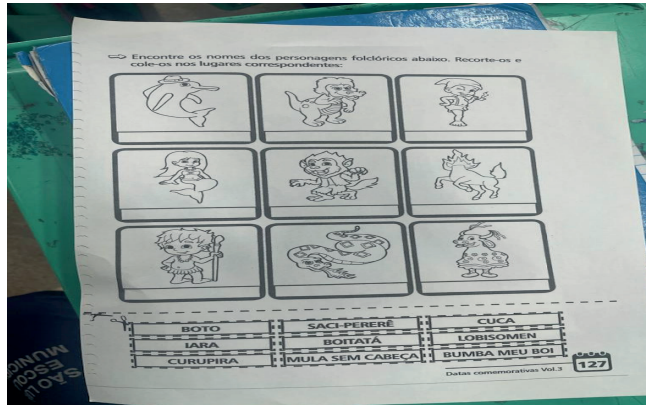
A professora pede para que os alunos escrevam os nomes dos personagens e solicita que os mesmos se esforcem, a grande maioria está com dificuldade ao escrever os nomes,

algumas até me solicitando ajuda e a professora pediu que não os ajudassem dizendo: “Eles têm que pensar a escrita sozinhos.” (Professora Raquel)

Logo em seguida, a professora chama atenção das crianças para o uso de letras caixa alta e cursiva, recordando a escrita de nomes com letras maiúsculas.

Todavia, acerca do folclore a professora entrega uma outra folha de papel com várias imagens folclóricas, mas agora com os nomes dos personagens, com intuito de recortar as imagens que dessa vez estão completas e devem recortar os nomes e colar de acordo com a imagem.

Figura 3. Atividade impressa (figuras e nomes dos personagens folclóricos)



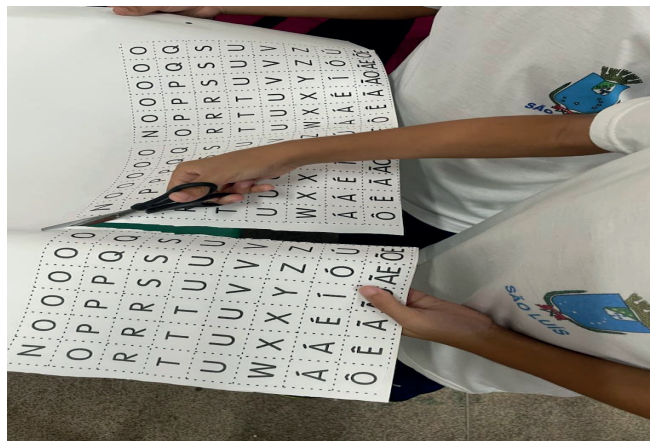
Fonte: Autoria própria (2023)

Aos 13 dias de setembro de 2023 ao adentrar a sala de aula da professora Raquel, a mesma recortava letras do alfabeto que estavam impressas para entregar às crianças. Estas por sua vez recortaram letra por letra com o objetivo de formar o alfabeto móvel.

A professora necessitou sair para acompanhar algumas crianças que iriam ensaiar para o desfile em homenagem à pátria, uma vez que, sete de setembro é comemorado a Independência do Brasil e oito do referido mês a nossa cidade São Luís completou 411 anos de fundação.

Enquanto pesquisadora fiquei com as demais crianças em sala de aula, fazendo com a ajuda de duas crianças, onde essa ajuda alternava-se com ora uma ora outra, fazíamos os recortes dos papéis com o alfabeto... Eu colava na cartolina e as crianças recortavam.

Figura 4. Atividade com letras do alfabeto



Fonte: Autoria própria (2023)

Neste dia, os orientei enquanto aguardava a professora Raquel, os sugeri que organizassem o alfabeto, ademais de ir, por causa da iniciativa de outros alunos, os pedi que

formassem as vogais, além de construir algumas palavras.

Figura 5. Atividade com letras do alfabeto



Fonte: Autoria própria (2023)

O dia foi enriquecedor, as crianças foram muito participativas. Aos 20 dias de setembro de 2023, hoje estive das 8h00 até as 9h30 em sala com as crianças e a professora regente da sala, professora Raquel, era o começo da intervenção.

Adentrei a sala de aula, as crianças estavam organizadas e atentas juntamente com a professora. Saudei as crianças, bem como, a professora, e os mesmos me disseram um lindo bom dia em uníssono. A professora me passou a turma (mas ficou em sala e ajudou), conversei com as crianças sobre o que iríamos fazer. As crianças foram bem receptivas. Segue abaixo a tarefa a executar:

Método: ouvir, falar, ler e escrever;

Observação:

As crianças separadas em dupla com ajuda da professora Raquel (pois precisava da criança com a escrita mais desenvolvida com a criança com a escrita menos desenvolvida);

1 uma criança diz a história e a outra escreve;

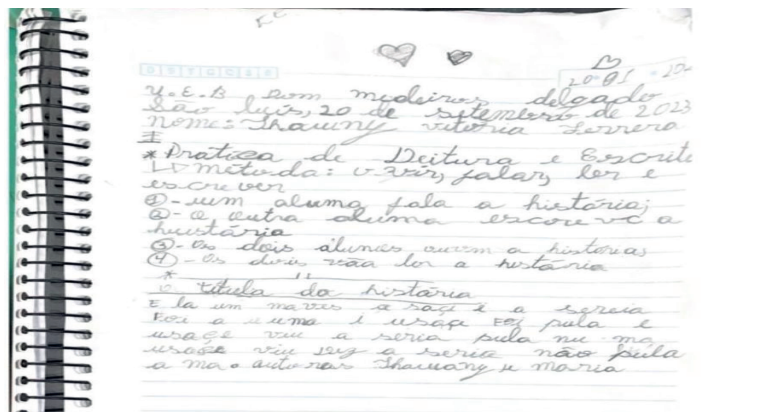
2 ambas as crianças leem a história;

3 as crianças ouvem a história;

Desse modo, praticamos as quatro habilidades linguísticas: ouvir, falar, ler, e escrever.

A grande maioria das duplas produziram, ouvimos histórias belíssimas, como “A chapeuzinho vermelho”; “Os três porquinhos”; “A história do vaqueiro”, “A boneca de Maria”; “A menina que gostava de brincar e estudar” e outras mais.

Figura 6. Reescrita da história



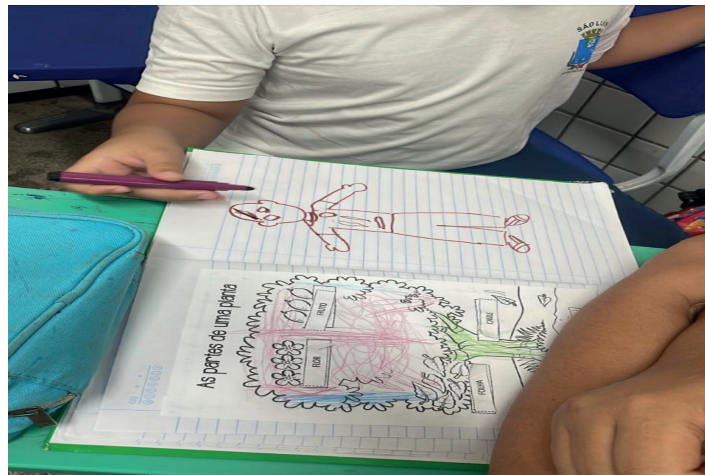
Fonte: Autoria própria (2023)

As leituras das histórias foram feitas por grande parte das crianças, em suas duplas, de

modo compartilhado, algumas em pé, outras sentadas.

As crianças foram atentas às histórias lidas pelos colegas, assim como, queriam ler as suas também. A professora Raquel fez dupla com o aluno David (criança especial, com grau elevado do autismo), O mesmo em dupla com a professora criaram a “história do corpo humano”, Onde a professora fez o desenho e o aluno foi identificando/desenhando os olhos, o cérebro, o coração, as mãos, o estômago, os ossos e falando voluntariamente.

Figura 7. Atividade história do corpo humano

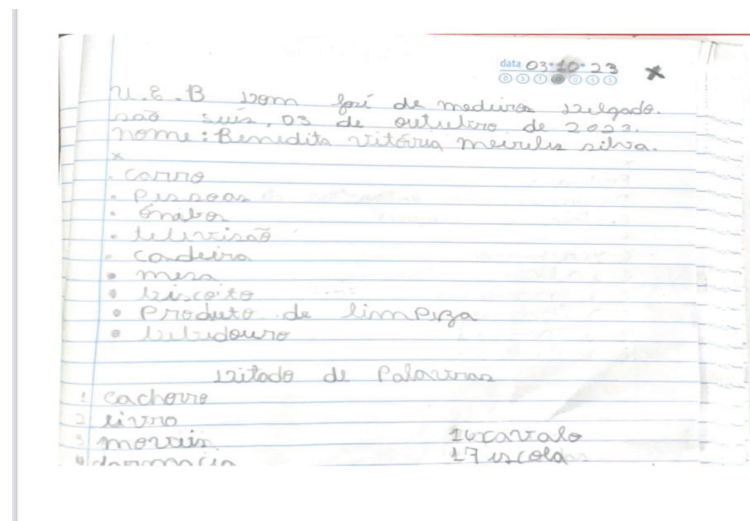


Fonte: Autoria própria (2023)

O dia foi maravilhoso, muito gratificante. Encerrou-se com a ida das crianças ao intervalo e eu solicitei que trouxessem o alfabeto móvel que construíram com a professora Raquel, a mesma disse que fica na escola. Me despedir, houve abraços e disse que viria na próxima quarta-feira, dia 27 de setembro.

Dia 4 de outubro tivemos a atividade “Ditado vivo”, onde aula anterior solicitei às crianças que trouxessem palavras de onde passavam na sua comunidade, na quitanda, na feira, no muro, no ônibus. Pouquíssimas crianças fizeram, algumas os responsáveis disseram para as mesmas escreverem, outros dei a possibilidade de pensar no momento em sala.

Figura 8. Ditado de palavras



Fonte: Autoria própria (2023)

A atividade ocorreu da seguinte forma: de início foi dado um tempo para os que não haviam ainda escrito as palavras pudessem escrever; depois pedi que cada criança dissesse uma palavra das dez do seu ditado e escolhessem um colega para escrever. As crianças iam até o quadro branco e escreviam as palavras, os colegas podiam ajudar aquelas que tinham mais dificuldades, todas as crianças deste dia escreveram. Logo em seguida, li com as crianças as palavras que eles queriam pensar, que fazem parte de seu contexto sociolinguístico.

Dia 25 de outubro, encerramos com o método *Brainstorming* onde traduzido dizemos “tempestade cerebral, para despertar a criatividade leitora e escritora das crianças. Antes, falamos das línguas estrangeiras espanhol e inglês, questionei quem sabia alguma palavra em um desses idiomas estrangeiros, e as crianças estavam desinibidas falando e falando muito e motivadas.

Em seguida, solicitei às crianças que criassem oralmente frases para que eu pudesse escrever no quadro, todas as crianças presentes participaram, foi uma atividade bem demorada, pois eram construções mais elaboradas e não podiam se repetir. Adiante fizemos a ligação entre as frases e construímos uma história que não foi possível finalizar neste dia. No último encontro, um grupo de crianças cantaram e a turma, a professora e eu acompanhamos. Foi agraciada com uma lembrancinha da professora e das crianças. Dias de grandes aprendizados e revigorante.

Considerações Finais

Mediante os conhecimentos advindo das literaturas pesquisadas, ratificamos que o desenvolvimento da prática literária em sala de aula precisa uma atenção especial por parte de toda gestão escolar. O professor exercer o papel de mediador entre a leitura e a criança, contribuindo para que esta última seja protagonista no processo dentro de uma dimensão crítico-reflexiva.

Corroborando com Miguez (2009), a leitura é concebida como um processo de entendimento da realidade que, esta intrescamente, relacionado dentre outros fatores, a visão de mundo de cada leitor. Ademais, mesma autora explicita a função social da escola como espaço privilegiado para a conquista da aprendizagem do ler e do escrever e, que muitos casos, não acontece de forma a contento. Essa situação pode ser credenciada pelo fato de muitas unidades escolares ainda, de forma burocrática, “ensinarem” a prática da leitura mecanizada e passiva.

A leitura não pode ser compreendida sob um olhar engessado e estático e tomando de posse o que já teceu Drummond no poema *Iniciação literária* que diz que a leitura acontece quando entra em ação além da decodificação das letras e interpretação textual, o imaginário do criador; Drummond vai além e ratifica que todo grande leitor é um recriador textual.

Nessa senda, a leitura é uma experiência intimista entre o leitor e a obra contemplada.

É notório, que a leitura e a escrita não são atividades contrárias, mas sim distintas porque cada uma põe em jogo seus próprios artifícios, visto que ler é som das palavras, é articulação dessas palavras, é junção de sílabas, é interpretar grafias diversas, é leitura de imagem, assim por diante; já a escrita é traçar formas, linhas que em sua junção atingem determinado símbolo, é reconhecer um alfabeto, é da esquerda para a direita, é margem, e parágrafo, é letra maiúscula e minúscula e outras coisas mais, logo “a leitura, portanto, é um processo constante de descoberta de um sentido básico entre o sujeito leitor e o texto contemplado” (MIGUEZ, 2009, p.18).

A contribuição de nosso trabalho de pesquisa com crianças, advém do entendimento de reconhecer esses infantes como principais emissores de suas vivências. Desse modo, contando como vêem os objetos cognoscitivos enquanto seres cognoscentes que são, sendo assim, é urgente aprimorar estudos sobre leitura, especialmente, crianças leitoras iniciantes, visando esse estímulo inicial se solidificar não apenas na vida escolar, mas também, se prolongue na vida pessoal e profissional.

Referências

- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso: 27 de jun. de 2021.
- CAMARGO, Gisele Brandelero; GARANHANI, Marynelma Camargo. Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias. Grupec (6: 2018:Belém - PA) Política, formação e prática educativa na infância [recurso eletrônico] /6. Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias; Org. Ana Maria Orlandina Tancredi...[et al.] - **In: A fala de crianças sobre a travessia da educação infantil para os anos iniciais**: primeiras aproximações. Belém:EDUEPA, 2022. v. 3. (p. 97-108)
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BUSS-SIMÃO, M. Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. **Rev. Diálogo Educ.** Curitiba, v. 14, n. 41, p. 37-59, jan./abr. 2014.
- COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. p. 17-23.
- FERREIRO, E.; PALACIO, M. G.. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. .Porto Alegre: Artes Médicas,1987.
- MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**: o lugar da literatura na sala de aula. 4 ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.
- PEREIRA, A. **Pesquisa de intervenção em educação**. Salvador: Edneb, 2019.
- RIBEIRO, A E. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. São Paulo: Parábola, 2018.
- ROCHA, Ruth. MARCELO, MARMELO, MARTELO. Disponível em: **Pausa pra leitura: Marcelo, Marmelo, Martelo por Ruth Rocha** Acesso em: 15 de maio de 2023.
- SANTOS, M. O. Escutar a criança é um ato político-pedagógico. **In**: LEAL, F. L. A; CAMPOS, K.P.B (orgs). **O que as pesquisas com e sobre crianças podem nos dizer em tempos de crise?** Campinas Grande: EDUEP, 2022.
- TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. **Além da alfabetização**: A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. São Paulo: editora ática, 2003.

Recebido em Dezembro de 2023.

Aceito em Março de 2024.